



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

Max Lânio Martins Pina,
da Universidade Estadual de Goiás - Porangatu – Brasil
maxilanio@yahoo.com.br

Stuart Hall foi um sociólogo e teórico cultural jamaicano que viveu e trabalhou na Inglaterra. Sua maior contribuição para o mundo intelectual ao lado de Richard Hoggart e Raymond Williams foi a criação do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham, a partir de onde estimulou a mudança da concepção conceitual de cultura, a qual era influenciada pela teoria marxista. Os problemas sociais e econômicos que envolveram o mundo nos anos 1980 e 1990, já não podiam mais ser explicados pelo viés do materialismo histórico. Entretanto, havia a necessidade de renovar as elucidações a respeito de novas situações que acometiam a sociedade do final do século XX. E nesse contexto Stuart Hall colocou-se como teórico responsável por fomentar os Estudos Culturais a partir de sua visão pós-colonial, onde foram estabelecidos novos argumentos e novas explicações para a nova ordem mundial que não estavam mais pautadas nas situações econômicas e sociais e sim nos fenômenos culturais.

O seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” foi publicado pela primeira vez em 1992, com o título em inglês *The question of cultural identity*. No Brasil várias edições foram lançadas a partir dos anos 2000, alcançando um prestigiado respeito entre o público das ciências sociais. Em 2014, ano em que Stuart Hall morreu aos 82 anos, a editora Lamparina reeditou a obra, que se tornou um livro importante para quem quer compreender os problemas que envolvem as questões ligadas às identidades individuais e coletivas do presente tempo. Por ser uma obra de introdução a essa temática, o autor a estabeleceu de uma forma clara, objetiva e principalmente didática, para que qualquer leitor, seja ele especializado ou leigo, possa compreender com clareza seus argumentos.

No primeiro capítulo apresenta sua tese em relação àquilo que ele chamou de “crise de identidade”, o que segundo ele vem acometendo o sujeito na modernidade tardia. Tal sujeito já foi um dia considerado unificado e hoje se encontra cindido, fragmentado,

deslocado e descentrado em uma polissemia de identidades das quais ele precisa lidar, tais como seu pertencimento ou suas “paisagens culturais” de nacionalidade, de classe, de etnia, de religiosidade, de língua, de sexualidade e de gênero (HALL, 2014, p. 09).

O objetivo central da obra é explorar e explicar em que consiste e quais os rumos dessa “crise de identidade” que tem acometido o sujeito no final do século XX e início do século XXI, tendo em vista que em séculos anteriores as referências indentitárias haviam fornecido sólidas localizações para os indivíduos sociais dentro dos Estados nacionais (HALL, 2014, p. 10).

Para desenvolver sua teoria Stuart Hall estabelece três concepções de sujeito: a) sujeito do Iluminismo – seria aquele que sua identidade era totalmente centrada e unificada, sua emergência encontrava-se no seu nascimento e, por conseguinte, o acompanhava até sua morte (HALL, 2014, p. 10); b) sujeito sociológico – seria aquele que sua identidade estava baseada na sua “interação entre o ‘eu’ e a sociedade”, não obstante, apesar de ser uma identidade “costurada” o sujeito ainda tinha domínio sobre ela (HALL, 2014, p. 11); c) sujeito pós-moderno é aquele que não possui apenas uma única ou permanente identidade, mas várias, das quais algumas são contraditórias e outras não são resolvidas. Esse sujeito da modernidade tardia celebra a identidade “móvel”, pois o indivíduo “assume identidades diferentes em diferentes momentos”, esse deslocamento constante torna a identidade plenamente unificada, segura e coerente como uma fantasia, não mais possível de ser atingida ou alcançada nos dias atuais (HALL, 2014, p. 12).

Stuart Hall acreditava que havia um caráter de mudança na modernidade. Seu argumento é que as sociedades modernas são, por definição, “sociedades de mudança constante, rápida e permanente”, que por sua vez são caracterizadas pela diferença, isto é, “elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes (...) identidades” (HALL, 2014, p. 12).

Essas mudanças das quais os indivíduos são obrigados a conviver na pós-modernidade fazem-lhes jogar o “jogo de identidades”. Isso significa que cada indivíduo em determinadas circunstâncias se posicionará de acordo com a identidade que melhor lhe convier, ou seja, aquela com que ele mais se identificar. Isso implica algumas observações: a) as identidades são contraditórias; b) as contradições atuam tanto dentro como fora da cabeça de cada indivíduo; c) nenhuma identidade é singular; d) a identificação não é automática, porém pode ser ganhada ou perdida (HALL, 2014, p. 16).

No segundo capítulo Stuart Hall procura identificar o nascimento e a morte do sujeito moderno. Para isso ele esclarece que a gênese e a emergência desse indivíduo centrado foi possível devido a uma série de acontecimentos que ocorreram entre os

séculos XVI e XVIII, tais como a Reforma Protestante, o humanismo renascentista, as revoluções científicas e o Iluminismo. Esses eventos contribuíram para o surgimento do indivíduo “com certas capacidades humanas fixas e um sentimento estável de sua própria identidade e lugar na ordem das coisas” (HALL, 2014, p. 17). Todavia, na modernidade tardia a concepção desse sujeito foi deslocada, acontecendo o seu descentramento e sua fragmentação.

De acordo com Stuart Hall cinco teóricos importantes conseguiram perceber essa descentralização do sujeito por meio de suas teorias, as quais influenciaram o pensamento científico do século XX. A primeira percepção de descentração do indivíduo veio a partir da reinterpretação de Marx, quando seus novos intérpretes na década de 1960 entenderam

que os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os “autores” ou agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos (materiais e culturais) que lhes foram fornecidos por gerações anteriores. (Hall, 2014, p. 22).

A segunda descentralização foi a descoberta do inconsciente freudiano. Para Freud as identidades, a sexualidade e os desejos são formados por processo psíquicos que se encontram no inconsciente, o qual funciona com uma lógica totalmente distinta da razão, e por isso o sujeito não tem domínio sobre elas (HALL, 2014, p. 23). Isto significa que o indivíduo não é livre em suas escolhas, mas existe um inconsciente que, de certa forma, o influencia sem que ele tenha o total controle dessas escolhas.

Já o terceiro deslocamento veio a partir das descobertas da linguagem realizadas por Ferdinand de Saussure. De acordo com pensamento saussuriano o indivíduo não é autor das afirmações que faz ou dos significados que expressa na linguagem. Ele pode até utilizar a língua para se expressar, se posicionar, porém a língua é um sistema social e não individual que preexiste antes do sujeito nascer. Como afirma Hall, as palavras são “multimoduladas”, isso significa que elas irão carregar sempre outros significados que elas colocam em movimento, porque consecutivamente haverá um “antes” e um “depois”, das palavras que não temos nenhum domínio ou qualquer controle (HALL, 2014, p. 25).

O quarto descentramento é encontrado no pensamento do filósofo Michel Foucault com aquilo que ele identificou de “poder disciplinar”. O poder disciplinar representa a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana, ou também o controle do indivíduo e do corpo. O objetivo desse poder é manter o domínio sobre a vida do indivíduo, mantê-lo como corpo dócil, seu trabalho, suas atividades, seus prazeres, sua saúde física e moral, suas práticas sexuais, em fim tudo que se diz respeito ao indivíduo

precisa estar sob controle e disciplina. Conforme o pensamento foucaultiano essa situação iniciou no século XIX e chegou ao seu desenvolvimento máximo no século XX. Esse poder surgiu juntamente com as instituições que “policiam” e também disciplinam as pessoas tais como as: as oficinas, os quartéis, as escolas, as prisões, os hospitais, as clínicas, entre outras (HALL, 2014, p. 26).

O quinto deslocamento acometido ao sujeito na pós-modernidade, de acordo com Stuart Hall, “é o impacto do movimento feminista”. Tal movimento se insere juntamente com os movimentos sociais pós 1968. Considerado o ano que marca a modernidade tardia, a partir desta data o mundo passou a presenciar as revoltas estudantis, os movimentos contraculturais, os movimentos antibelicistas, as lutas por direitos civis, os movimentos revolucionários dos países subdesenvolvidos, os movimentos pela paz. Nesse contexto de agitação o feminismo trouxe novos hábitos para a sociedade e principalmente para o homem, e esses novos comportamentos estão associados à “crise de identidade”, que acomete a humanidade nesses tempos (HALL, 2014, p. 26-27).

No terceiro capítulo Stuart Hall explora a construção e desconstrução do conceito de “comunidades imaginadas” a partir da ideia de identidade nacional. De acordo com ele o sentimento de comunidade só existe porque são empregados cinco elementos que se tornaram cruciais para manutenção e coesão da estrutura do Estado moderno. Na pós-modernidade essa estrutura se encontra em desmoronamento. Para manter uma estrutura de unidade entre os indivíduos, o Estado nacional empregou recursos para não perder sua composição: a) as narrativas da nação; b) a ideia das origens; c) a invenção das tradições; d) o mito fundacional; e) a ideia de povo puro, original (HALL, 2014, p. 32 a 33). Todos esses elementos combinados e bem utilizados pelo Estado nacional permitiram, durante anos, um discurso em torno da identidade nacional unificada e coesa.

A visão de que o Estado Nacional seria capaz de manter seus membros unidos em torno de uma mesma identidade cultural, como se todos pertencessem a uma “grande família nacional”, está sendo questionada, pautada nos seguintes argumentos: 1) as nações modernas só se constituíram a partir de culturas diferentes que foram conquistadas violentamente; 2) as nações são constituídas por diferentes classes e diferentes grupos étnicos, impossíveis de serem iguais; 3) as nações ocidentais se sobrepuseram às demais pela força do imperialismo e do neocolonialismo (HALL, 2014, p. 35-36).

Outro fator importante a ser observado, e que tem contribuído para a fragmentação do sujeito na modernidade tardia, é a globalização, que conforme Stuart Hall “se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações (...)” (HALL, 2014, p. 39).

Nesse caso, a globalização vai contra a visão moderna de sociedade que tinha, até então, bem definida sua identidade nacional.

No quarto capítulo é apresentada a questão da desintegração das identidades nacionais como resultado da globalização, a qual tem provocado e ocasionado o “crescimento da homogeneização cultural”, pois parte-se do princípio de que ela torna o “mundo menor e as distâncias mais curtas” (HALL, 2014, p. 40). Os que acreditam nessa teoria defendem que a mesma está acontecendo por causa desse fenômeno de afrouxamento das culturas nacionais e um “reforçamento de outros laços e lealdades culturais” (HALL, 2014, p. 42). Tudo isso porque o mundo tornou-se um mercado, onde os consumidores podem ser encontrados em qualquer lugar. O produto que hoje é produzido na China, na Coreia ou nos Estados Unidos pode ser consumido em qualquer parte do Globo.

Existe outra situação que a globalização tem provocado na pós-modernidade diferente dessa primeira visão, nesse outro argumento acredita-se que as identidades nacionais ou as identidades “locais”, estão passando por um efeito contrário, isto é, elas estão sendo reforçadas pela globalização. Ao invés de desaparecerem por causa dessa situação, elas estão em evidência ou em resistência para sua perpetuação. Esse é assunto do quinto capítulo, que tem um título um tanto quanto provocador - O global, o local e o retorno da etnia. Stuart Hall analisa três críticas a essa ideia homogeneizante da globalização: a) a fascinação com o diferente que só é encontrado no local; b) a globalização é mundialmente desigual na sua distribuição; c) não se sabe ao certo o que mais é afetado por ela. Portanto, esses três fatores compõem as discussões daqueles que acreditam no efeito contrário que a globalização tem efetuado na identidade nacional, provocando assim o aparecimento ou a reação de novas identidades locais (HALL, 2014, p. 45-47).

No último capítulo desenvolve-se o terceiro argumento em relação àquilo que a globalização tem provocado na modernidade tardia. No local das antigas identidades nacionais estão surgindo identidades híbridas. Essa identidade é característica de sujeitos que ao passarem pela diáspora não perderam os vínculos com os lugares de origem e suas tradições, porém vivem numa terra da qual eles não surgiram, e esses sujeitos se veem obrigados a traduzirem, “negociar com as novas culturas em que vivem”, sem nunca serem unificados a elas (HALL, 2014, p. 52).

Ao encerrar a leitura do livro a sensação que se tem é que, de fato, não há como manter nos dias atuais uma identidade única, rígida e inflexível. O sujeito pós-moderno é híbrido, pois ele vive um tempo de crise de paradigmas, e isso o tem desconcertado,

porque ao mesmo tempo em que ele pode eleger um modelo a ser seguido, também pode abandoná-lo, para seguir outros. O indivíduo contemporâneo é um e muitos ao mesmo tempo, não é uma questão de dupla identidade, no entanto, ele é obrigado a suportar a modernidade tardia por meio de várias identidades senão não seria possível vivê-la. Ele é infringido a negociar e a renegociar constantemente com sua identidade, porque tudo é fluido e líquido, e é preciso ir se ajustando àquilo que a pós-modernidade proporciona. Escolher hoje, fechar-se em uma única identidade indica sofrimento, pois a sociedade está repleta de outras possibilidades que se confrontam com aquilo que o indivíduo gostaria de ser ou acha que é.

O livro é uma leitura obrigatória para estudantes e pesquisadores das ciências humanas, porquanto serve como primeiro contato com as questões atuais dos fenômenos sociais que envolvem o indivíduo na contemporaneidade. A obra também permite uma compreensão dos motivos que levaram o sujeito à perda da sua segurança identitária, para flertar com outras identidades afim de poder encarar os dilemas e contrastes enfrentados por ele na modernidade tardia.

SOBRE O AUTOR

Max Lânio Martins Pina - Mestrando em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-Goiás. Especialista em Formação Socioeconômica do Brasil, pela Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO, graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás - UEG. Atualmente é professor na Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Porangatu.
